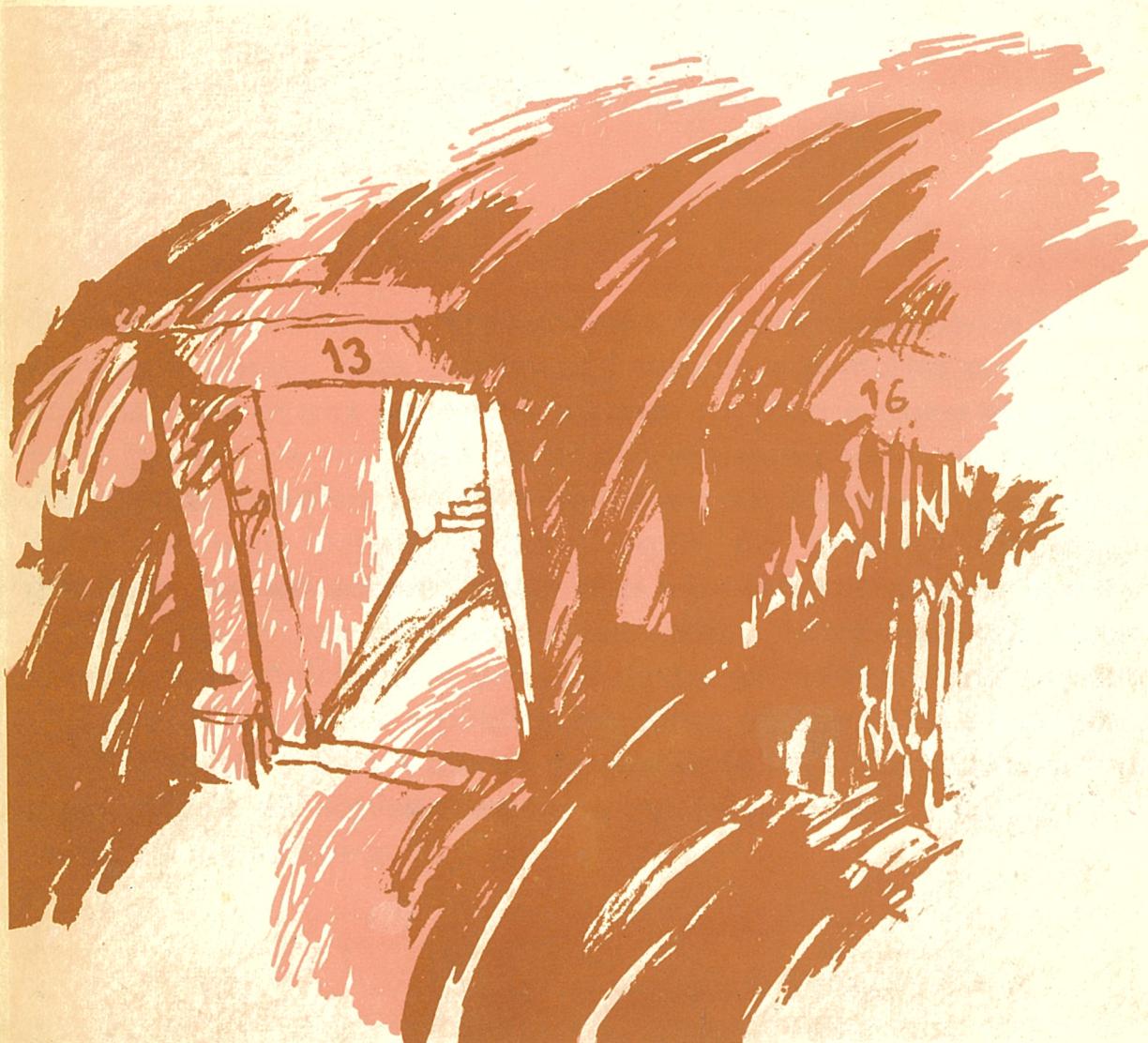
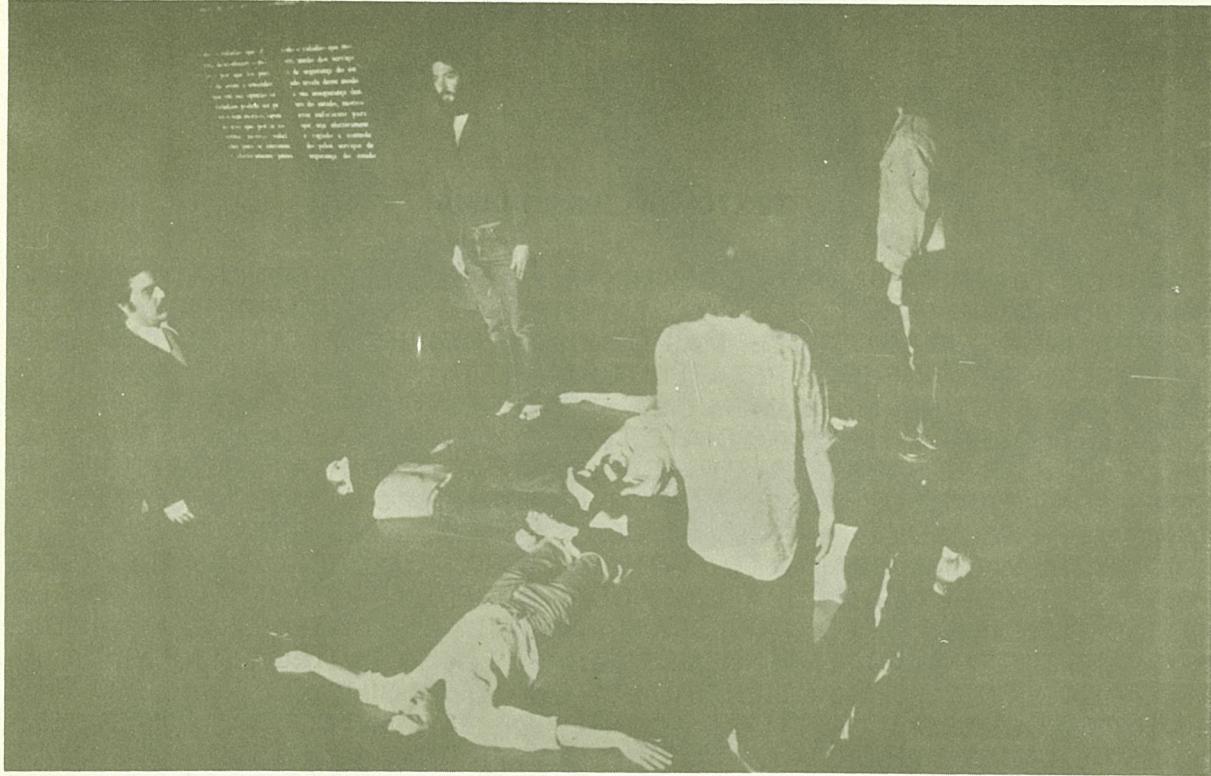


loreto 13

REVISTA LITERÁRIA DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES





ânima

ALGUMAS NOTAS E DOCUMENTOS

ânima foi um espectáculo de animação de textos visuais, da Poesia Experimental Portuguesa, realizado por jovens actores quase na totalidade alunos do Conservatório de Lisboa.

O espectáculo foi integrado no plano de colaboração cultural entre a APE e a SPA e foi apresentado na noite de 28/7/1977 na sala de teatro da SPA.

Como documentação aqui se publica o seguinte:

- Algumas fotos
- O texto do programa escrito pelos actores brasileiros responsáveis pela criação do espectáculo.
- a lista dos colaboradores
- o cartaz
- um texto de Seme Lutfi sobre a criação experimental de ÂNIMA e suas vicissitudes.
- a crítica de Carlos Porto, publicada no Diário de Lisboa em 11 de Agosto de 1977.

ânima

TEXTO DO PROGRAMA

FAZER UM TEATRO A PARTIR DE UM TEXTO VISUAL, POESIA CONCRETA, OU SEJA QUAL FOR O NOME QUE SE DÊ AO EXPERIMENTO GRÁFICO POÉTICO, PARECE TAREFA INGRATA IMPOSSÍVEL. MAS O NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO COM ELES ACONTEceu DE MANEIRA DIRETA, LEITURA IMEDIATA EXPONTÂNEA DO SIGNIFICADO NELE CONTIDO, MESMO SEM UMA APREENSÃO RACIONAL À PRIORI. PRAZER NESSA DESCOBERTA. TEXTO IMEDIATO TEATRO IMEDIATO ALI NA HORA – VONTADE DE LANÇAR-SE PARA UMA SITUAÇÃO TEATRAL IMEDIATA. É BOM PRODUZIR ESSES SONS PARTIDOS, DE LETRAS EM LIBERDADE. DAÍ PARA A CONCEPÇÃO CÉNICA É A SEQUÊNCIA NATURAL. NOSSOS CORPOS A SEGUIREM OS CAMINHOS SOLTOS DA PÁGINA BRANCA. O PRÓXIMO PASSO, A LIGAÇÃO DAS PROPOSTAS POEMAS, DESCONEXAS NA SUA INDIVIDUALIDADE, MAS INTERLIGADAS POR UM DESEJO ESPECÍFICO DE CONTARMOS UMA HISTÓRIA QUE INTERESSASSE A TODOS NÓS. ASSIM PORTANTO, ENTENDEMOS ATRAVÉS DAS CONTÍNUAS EXPERIÊNCIAS EM GRUPO (COM OU SEM AUDIÉNCIA), QUE QUALQUER SÍMBOLO, SINAL, POR MAIS SINTÉTICO QUE SEJA, CONTÉM EM SEU INTERIOR, ELEMENTOS DRAMÁTICOS DESEJOS DE TACTO E CORPO – AGITADORES DA IMAGINAÇÃO. É ESSA UMA GRANDE ALEGRIA, A QUE NOS LIBERTA DOS CARRIS PROLIXOS DE TEXTOS TEATRAIS (AS PEÇAS DE COMEÇO, MEIO E DESENLACE DRAMÁTICO AO FINAL), QUE SE UTILIZAM DE PALAVRAS APÓS PALAVRAS SEGUIDOS DE PALAVRAS, NUM TEMPO EM QUE O TEMPO TEATRAL É URGENTE NA DOR ALEGRIA OU APENAS GRITO.

**seme lutfi
rui frati**

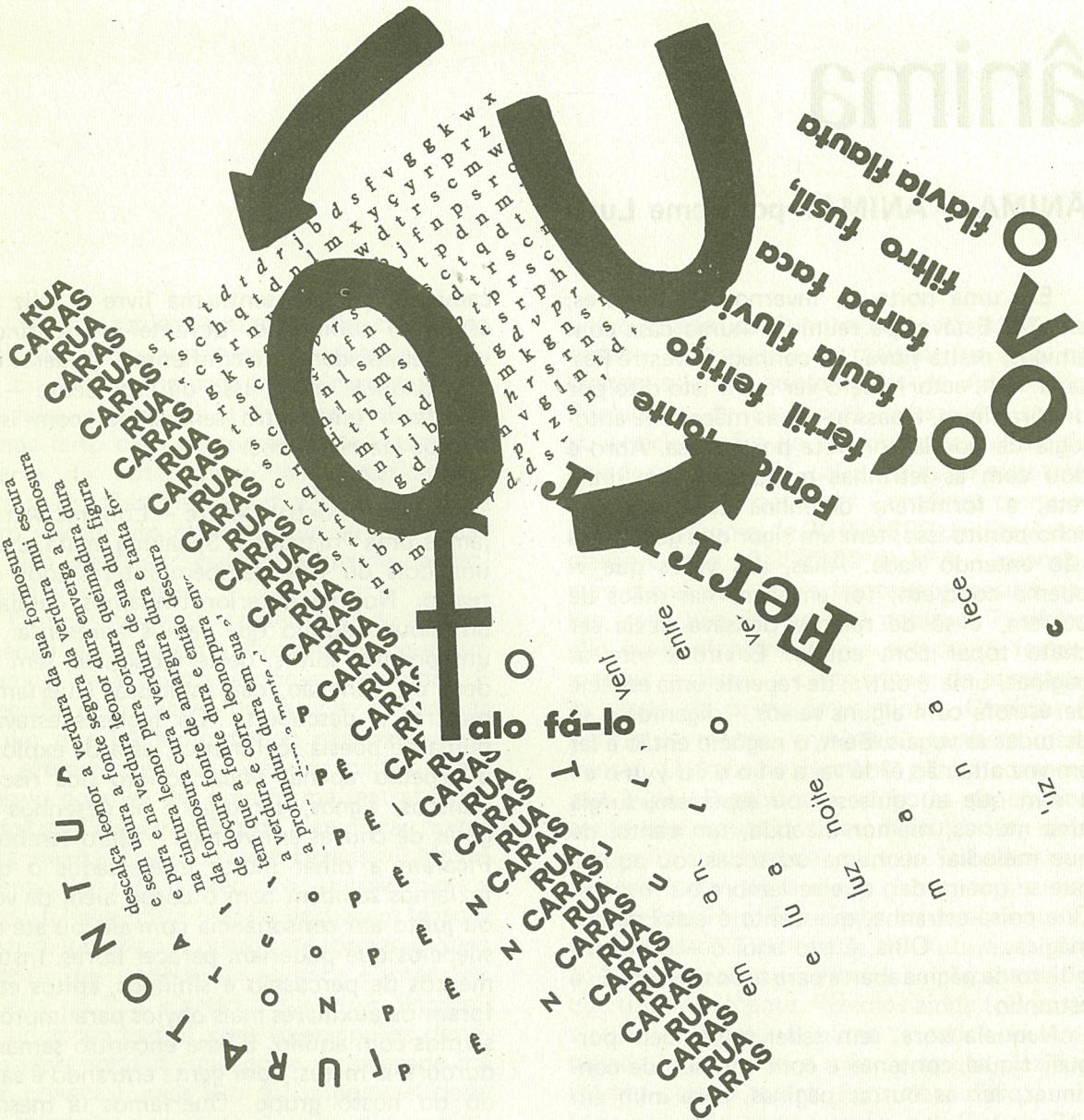
CONCEPÇÃO
**Seme Lutfi
Silvestre Pestana**

DIRECÇÃO
**Seme Lutfi
Rui Frati**

FIGURINOS
Jean Lafont

MÚSICA
Jaime Simões Queimado

ELENCO
**Alberta Melo e Castro
Carlos Vieira de Almeida
Eugénia Melo e Castro
Fernando Vaz do Nascimento
Filipe Crawford
Graça David
João Soromenho
Luísa Aparício
Manuel Almeida e Sousa
Rui Frati
Seme Lutfi**



ânim a

TEATRO ACÇÃO DE TEXTOS VISUAIS

ânimA

ÂNIMA – ANIMA? por Seme Lutfi

Era uma noite de inverno, em Londres, em 74. Estávamos reunidos numa casa com amigos, malta nova. Lá conheci Silvestre Pestana — ah, actor? quero ver ouvir isto dito por um brasileiro, e passou-me às mãos uma antologia de poesia concreta portuguesa. Abro e dou com as letrinhas misturadas, em linha reta, a formarem desenhos geométricos — acho bonito isso, tem um rigor que gosto mas não entendo nada. Aliás, das vezes que vi poema concreto, foi em livro nas mãos de outrem, e só de relance pensava devia ser chato topar com aquilo. E viro e viro as páginas, uma e outra, de repente uma espécie de estrofe com alguns versos — digamos — só de todas as vogais. Bem, o negócio então é ler em voz alta não é? lá vai a e i o u i u yyu o e i a sem que eu quisesse ou esperasse, surgia uma música, melhor dizendo, um canto, de que melodia? nenhuma ou todas, ou aquela que se queira dar, que se lembre ou invente. Que coisa estranha, que canto é esse? parece mágica..... Olha, é isto aqui ó — e mostro o livro na página aberta para todos verem. É, é estranho.

Naquela hora, sem saber muito bem por quê, fiquei contente e com vontade de continuar, ler as outras páginas, para mim em silêncio ou alto, para os outros quer estivessem ou não atentos. Foi tão simples ao mesmo tempo — é como dizer por exemplo que a forma toma forma, as linhas se desnundam, os signos nos acenam encantatórios cumplices, um som belo som qualquer, todos se produzem, possuem. A partir disso, posso dizer que aprendi melhor a ler pintura. Seguia a trip do poeta sem perder-me pelo

caminho, porque sentia-me livre e feliz de estar em comunhão. Levantei-me sentindo-me demasiadamente confiante — pudera! depois daquele show. Isso dá espetáculo — dá para fazer um teatro sensacional com isso. Vamos fazer? Vamos.

National Poetry Centre — Londres. Arranjamos uma Portuguese Speaking malta, assim uns dois ou três, também interessados em teatro. No dia anterior tínhamos ensaiado um pouco aquilo que íamos apresentar lá: uns poemas soltos, deste e daquele, sem ordem ou conexão, não interessa. Queríamos mostrar a descoberta. Os ingleses estavam numia de poesia só fonética, essa de explorar o aspecto apenas vocal sonoro dos riscos, rabiscos, signos, garatujas e os desenhos de gotas de chuvas em vidraça — claro também. Ficaram a olhar muito interessados o que fazíamos também com o corpo além da voz, ou junto em consonância com ela, ou até em silêncios que poderiam parecer horas. Instrumentos de percussão e sininhos, apitos etc., foram os auxiliares mais óbvios para improvisarmos com aquilo. E esse encontro semanal durou seis meses, com gente entrando e saindo do nosso grupo. Queríamos lá mesmo fazer o espetáculo, mas era difícil arranjar espaço, produção teatral sem conhecer ninguém numa terra estranha, isso além da dificuldade que parecia a pior: que elenco? , e assim o interesse foi esmorecendo aos poucos dado às impossibilidades, e os livros, antologias, papéis de notas, desenhinhos, projectos, foram deixados numa gaveta. Pena, belo sonho.

Um dia, muitos meses depois, o Ernesto Melo e Castro aparece em Londres de repente. Eu nem o conhecia pessoalmente. Silvestre falou-me vamos lá mostrar a ele o que temos feito com os poemas. e lá mesmo no quarto do hotel demos-lhe precariamente com marcações e leitura uma ideia geral. Porreiro, façam um projecto que eu vou ver se consigo encaixá-lo nalgum esquema de produção lá em Lisboa.

Tivemos ainda de esperar mais de ano até receber uma resposta afirmativa de que podíamos vir a Lisboa e pôr mãos à obra. E chegado o momento de colocar em prática aquilo que há tanto tempo não passava de um projecto pensado, deu-me pânico: será mesmo possível dar uma forma teatral a isto tudo? será alguém capaz de memorizar textos desconexos? haverá actores para isso? Alguns poemas, de difícil execução, aterravam-me e ainda faltava (para usar de linguagem teatral) costurá-los uns aos outros até formarem uma história que pudesse ser contada e entendida através da fala e gesto dos actores, sincronizando acção teatral com intervenções de video-tape portátil (que pode ser operado até por crianças), mas isso foi impossível dado aos mistérios encantatórios que envolvem tal maquininha, aqui, ainda, em Portugal.

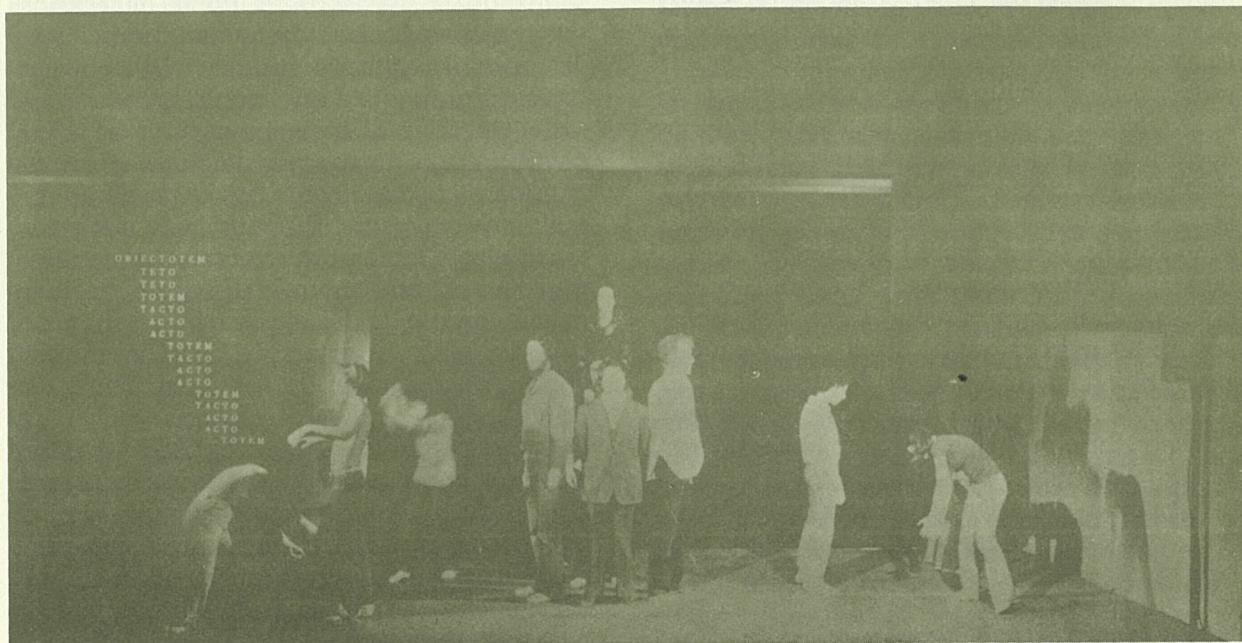
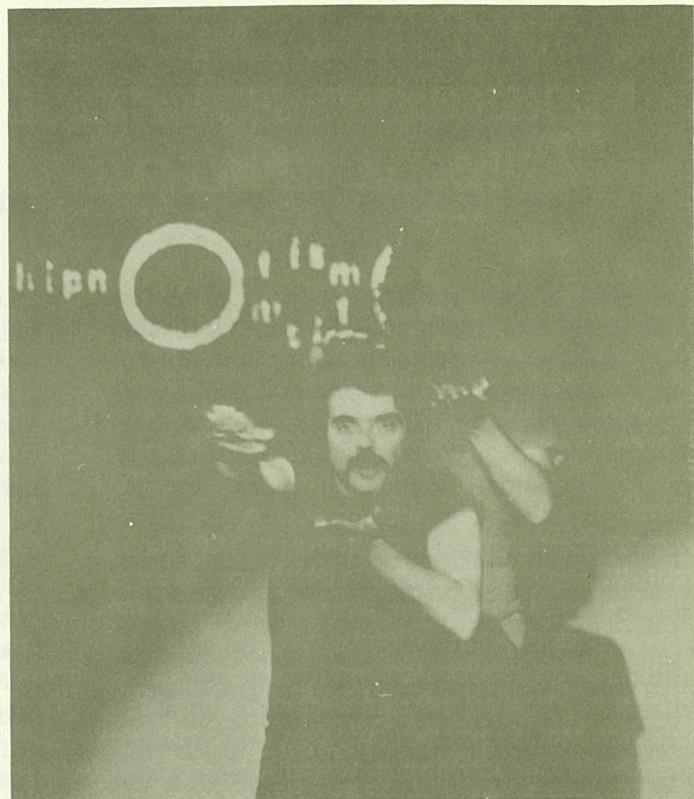
Lisboa, junho de 77: exames finais no Conservatório de Arte Dramática. Veio bem a calhar. É lá que fomos buscar o pessoal para participar da experiência. Assistindo aos exames, escolhemos quase todos aqueles que pareciam mais a jeito para nos auxiliar a desvendar o que ainda não passava de gráficos em fundo branco e arquitetarem situações. Tra-

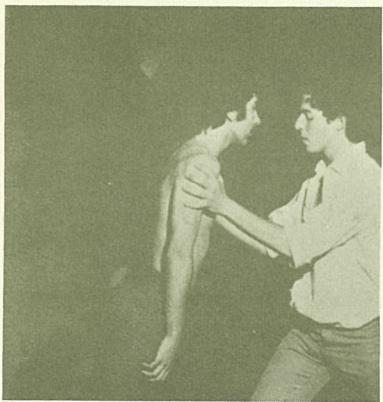
balho diário de 6 horas, sem domingo ou feriado, durante pouco mais de um mês, na grande sala de conferências da Associação Portuguesa de Escritores, apesar das contínuas reclamações do sr. dentista do andar de baixo: qualquer dia, cai o lustre do meu teto na cara dalgum paciente! Contámos com um subsídio mínimo de 20 000\$00 da dita Associação e mais 10 000\$00 da SPA — quantia, meu deus! que quem faz teatro, mesmo pobre, sabe não dá nem pró começo. Também não havia dinheiro para a compra de instrumentos musicais, a parte sonora do espetáculo sendo de prima importância. Cenários e figurinos, mesmo minimais, também nem pensar. O trabalho humano porém compensou tudo. Passávamos as horas de ensaios como que esquecidos das dificuldades, cada vez mais acreditando naquele trabalho que tomava forma dia a dia, a corresponder nossas expectativas. Estreámos no final de julho na Sociedade Portuguesa de Autores o que considero apenas um esboço bem acabado do que tinha em mente. Fizemos ainda três espetáculos na Comuna, numa tentativa de temporada, mas corria o mês de agosto, vazio e ingrato para o teatro. Para além disso, uma bem sucedida apresentação nos Quarto Encontro Internacional de Arte, em Caldas da Rainha.

Agora sinto-me mais forte para a próxima experiência que oxalá aconteça em breve. Depois da primeira tentativa é mais fácil e detalhes importantes que passaram despercebidos serão sanados. O grupo Anima está todo aí — quem viu sabe. Ansiosos para voltar a nos reunirmos.

TEXTOS VISUAIS DE

Alberto Pimenta
António Aragão
Ana Hatherly
E.M. de Melo e Castro
José Alberto Marques
Liberto Cruz
Salette Tavares
Silvestre Pestana





ânima

A PALAVRA NO ESPAÇO

crítica de teatro por Carlos Porto — *Diário de Lisboa* — 11/8/77

Este espectáculo visa mais longe do que o vulgar recital. Trata-se de transpor para o espaço cénico ao mesmo tempo e forma e significado do texto visual utilizando para isso os recursos da voz, do corpo, da composição, da marcação. Enquanto os poemas são projectados, os actores procedem à sua desmontagem e remontagem; traduzem os códigos da linguagem utilizada pelo poeta por códigos da linguagem teatral. Nem sempre o projecto resulta. Algumas vezes, embora raras, não vemos no palco mais do que um desdobramento plástico do que está no texto: é o caso do poema Tontura que consiste em um actor ser rodado por outros actores. Noutros casos, porém, o teatro vai mais longe do que a palavra-imagem: é o caso do Pêndulo que como poema é pouco significativo e foi no palco, transformado numa máquina de matar.

O que nos parece extremamente feliz nesta experiência que se apresenta como um trabalho a fazer, como um ensaio para uma estreia que não haverá é a imaginação que o grupo revela na recriação do texto visual, e a qualidade ao nível da execução que implica

uma elaboração, um amadurecimento e até, por vezes, um domínio técnico e uma força criativa, a ter em conta sobretudo atendendo a que se trata de gente que começa (alunos do Conservatório, na sua maioria).

Utilizando alguns adereços muito simples, alguns factos adequados e conseguindo na maior parte dos casos, uma correcta e por vezes bem imaginada transição entre cada quadro, o espectáculo respira como um todo em cada peça surge no lugar certo, fascinante sem deixar de pôr problemas, de questionar o real concreto. O que por vezes parece ser gratuito faz afinal parte de um jogo que tem as suas próprias regras e que só através delas se torna autêntico.

E o espectáculo atinge mesmo um nível inesperado quando a invenção do poema se desdobra na sua reinvenção cénica como acontece no final com o poema "Semeadores" em que os actores semeiam letras que depois se transformam no trigo da palavra. Dir-se-ia, aliás, ser qualquer coisa feita para a cena.

Resta acrescentar que a música ajuda a dar a esta experiência a qualidade que a marca.